

FH quer Maciel como vice em 98

■ Presidente reage à acusação de Simon e garante que detém o comando do governo

JOSÉ MITCHELL

PORTO ALEGRE — O presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem que gostaria de ter o atual vice, Marco Maciel, na sua chapa presidencial para a eleição do ano que vem. “Se depender de minha vontade, fica”, disse o presidente. Fernando Henrique reagiu ainda às acusações do senador Pedro Simon (PMDB-RS) de que é a cúpula do PFL que manda no país: “O governo é comandado por mim.”

As declarações de Simon foram dadas em entrevista ao programa *Jô Soares Onze e Meia* e provocaram acirrado debate, quinta-feira, entre o parlamentar gaúcho e o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA).

“O PFL tem, ao que me lembre, os ministérios da Previdência e do Meio Ambiente, assim como outros partidos possuem outros ministérios. Quem se incomoda são outros líderes no Congresso, porque os do PFL são experientes”, acrescentou o presidente, numa entrevista por telefone à Rádio Gaúcha e à RBS TV, de Brasília.

Fernando Henrique voltou a criticar o senador Pedro Simon por ter-lhe sugerido que propusesse ao Congresso incluir na emenda da reeleição um referendo popular. “O senador Simon estava muito ocupado em fazer críticas ao governo, não leu a Constituição e não teve

tempo de pensar melhor nas funções do Congresso. O artigo 49, inciso 5º, estabelece a competência privativa do Congresso de propor referendo e plebiscito. Não posso, como presidente, propor nada disso. E isso foi proposto (pelos parlamentares) na Câmara e no Senado. Mais tarde, propus ao PPB a consulta popular, mas não aceitaram. A Câmara votou e a proposta foi derrotada. O senador Simon propôs no Senado, e também foi derrotado. Como ele quer que eu atropelo agora o Congresso Nacional?”

Lei — O presidente prosseguiu: “Agora é lei, tem de respeitar a democracia. O senador Simon fala sempre em democracia. O artigo 49 da Constituição serve para evitar que os presidentes governem diretamente com as massas. Se me derem a possibilidade de pedir plebiscito, eu peço para baixar salário de quem ganha muito.”

O presidente destacou que o deputado Luís Eduardo Magalhães é o líder do governo na Câmara e que o ministro Sérgio Motta irá ajudá-lo, “como outros ministros também: com um bom desempenho na pasta e, obviamente, defendendo o governo”. Segundo Fernando Henrique, “em certos momentos, a pedido dos partidos no Congresso, ele (Motta) atuou ajudando líderes. O ministro Motta nunca foi meu porta-voz. A toda hora vejo que



Fernando Henrique acusou o senador Simon de não ler a Constituição

Brasília — Josemar Gonçalves

dizem que, ‘quando o presidente quer, fala pelo ministro Motta’. Quando quero, falo com qualquer ministro, depende da área”.

Sobre as denúncias da compra de votos de parlamentares, para que votassem a favor da reeleição, e de um suposto envolvimento de Sérgio Motta, o presidente disse que as acusações foram feitas por “um anônimo, que todos dizem saber quem é, mas eu não sei. Fez afirmações e referências vagas”.

Contrapôs com “um fato concreto: neste ano, infelizmente, nem o Estado do Acre nem o Estado do Amazonas receberam qualquer recurso do governo federal. Se houver alegação (de destinação de recursos), é falácia”.

Fernando Henrique defendeu também a redução do período de propaganda eleitoral nos meios de comunicação, “por uma questão de bom senso. Um dos males do Brasil é a politicalha, se passa muito tempo discutindo assuntos que não tem interesse do povo. O povo quer coisa concretas: como está o salário, emprego, produção, franquias democráticas, direitos humanos, mais cadeias para presos”.

Esquerdas — O presidente da República rejeitou interpretações das esquerdas brasileiras de que poderão vencer as eleições presidenciais do próximo ano, na sequência das vitórias da esquerda na Inglaterra e França. “Parte das esquer-

das brasileira está perdida. Não sabe do que se trata, nem tem idéia do que acontece na sociedade. Nem aqui nem lá fora. E fica insistindo em temas que não são verdadeiros”, disse ele.

“Não acredito que o mercado deva ser o senhor da razão e da política. Não sou favorável a que o mercado prime sobre a política ou sobre o Estado. Estamos refazendo o Estado em benefício da população, para um sentido social verdadeiro e não demagógico”. Por isso o presidente não aceita “o epíteto de neoliberal”, pois busca uma “forma mais eficaz” da ação do Estado. “A minha posição é muito equilibrada, em ampla medida coincide com o Tony Blair, às vezes vai um pouco mais longe”, garantiu.

“Conversei muito com ele na Inglaterra. Se eu fizesse no Brasil o que ele está propondo e fazendo lá, diriam que sou ultraneoliberal. O Tony fez o que nenhum conservador na Inglaterra fez: deu autonomia ao Banco Central, com a moeda nas mãos dos técnicos. Meu governo é mais à esquerda do que o proposto por ele.”

Fernando Henrique reconheceu que seu governo, “como um todo, não sabe se comunicar. Não é um problema com a Secretaria de Comunicação. O governo é composto por pessoas que não são políticas nesse sentido de falar às massas, têm uma formação técnica maior e têm dificuldades em falar”.